

ATORES E FATORES INFLUENTES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA DE DOCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE MISSÃO VELHA-CE

Rafael Silva Patrício Gonçalves¹
Paulo Erbenio Maia Neves²

INTRODUÇÃO

A educação é a base essencial para a formação de um cidadão, pois fornece condições para o desenvolvimento de habilidades como: reflexão, criação e senso crítico (ANDERE, 2007), sendo que o desenvolvimento intelectual e ético de um indivíduo está relacionado à educação, em um processo de socialização e aprendizado. Quando esse processo acontece em ambientes próprios, como escolas e universidades, denomina-se ensino. Dessa forma, ensinar é a principal tarefa de uma instituição de ensino (MARTINS, 2005).

Conforme Silva (2006), o ensino é definido como uma atividade educacional direcionada para a aquisição de conhecimentos e saberes vinculados a uma escola, faculdade ou universidade. Este processo pode ser entendido como recurso deliberado para facilitar que outra pessoa ou pessoas aprendam e cresçam intelectualmente e moralmente, fornecendo-lhes situações planejadas de tal modo que os aprendizes vivam as experiências necessárias para que se produzam neles as modificações desejadas, de uma maneira mais ou menos estável (BORDENAVE; PEREIRA, 2012, p. 60).

Entende-se que o processo de ensino e aprendizagem “[...] transcorre no ato de ensinar e aprender, tendo em vista a transmissão e assimilação de conhecimentos” (LIBANEO, 2013 p.275). Mas, para que tudo ocorra conforme esse princípio existem vários elementos que influenciam nessa ação e que contribuem de várias formas para promover uma aprendizagem significativa e edificante ou, por outro lado, ocasionar o insucesso da ação docente e discente.

São diversos os fatores que interferem nesse processo, inferindo ganhos positivos ou negativos. Dentre eles, destacam-se: alunos, professores, além de motivação, afetividade. Todos estabelecem uma conexão com o mesmo processo, sendo a eles atribuída uma

¹ Graduado em Ciências Biológicas na Universidade Regional do Cariri - URCA, rafaelwin.winchester@gmail.com;

² Graduado em Letra na Universidade Regional do Cariri-URCA - , pauloerbenio1@hotmail.com;

incumbência de suma importância para o melhor decorrer da mediação e da aquisição do conhecimento.

A interação entre os elementos do ambiente educacional – instituição (suporte), professor (especialista), aluno (aprendiz) e assunto (currículo) –, de acordo com Silva (2006), assegura a existência do processo de ensino-aprendizagem. O ambiente educacional assim descrito proporciona o processo de ensino-aprendizagem em uma combinação de recursos (instituição, professor) e abordagens (assunto), de tal forma que o resultado (aprendizado do aluno) seja alcançado com consumo ideal dos recursos (CORNACHIONE-JÚNIOR, 2004).

Sabe-se que o professor é uma das peças fundantes desse processo, e que a sua participação interativa faz todo um diferencial nas atividades escolares, construindo laços e estreitando vínculos entre o ensinar e o aprender. Mas também se compreende que o mesmo não move esse percurso sozinho, o educando cumpre parcelas proporcionais, pois tanto ele sofre inferências, como as lança no contexto no qual está inserido, colocando em pauta os seus conhecimentos prévios, configurando a sala de aula como um laboratório de ensino-aprendizagem.

O sistema educacional ainda é muito dependente da figura do professor em sala de aula, com suas técnicas e recursos instrucionais de aprendizagem (SILVA, 2006). O corpo docente, de certa forma, é o pilar que sustenta uma educação de qualidade (CORNACHIONE-JÚNIOR, 2004), o que significa que um bom professor é um fator importante no processo de ensino-aprendizagem. Bruner (1961) destaca que a aquisição do conhecimento é menos importante do que a aquisição da capacidade para descobrir o conhecimento de forma autônoma.

Espera-se que, nestas impressões tecidas no decorrer deste estudo, seja possível colocar os futuros leitores em cenários reflexivos sobre o processo de ensino e aprendizagem em sua totalidade, vislumbrando quais posturas serão adotadas ou redesenhadas a partir das inferências internalizadas pelos demais. Portanto, o objetivo deste trabalho consiste em determinar os atores e fatores influentes no processo de ensino e aprendizagem sob a perspectiva de docentes de escolas públicas do município de Missão Velha-CE.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e analítico. A pesquisa foi realizada em escolas de educação básica localizadas no município de Missão Velha – CE, durante os meses de abril a junho de 2018, após o pedido de autorização para realização da pesquisa. Os

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

participantes da pesquisa foram os docentes que ministram aulas nas referidas unidades escolares.

Para a composição da amostra, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: docentes que lecionam apenas no ensino fundamental II e que estivessem presentes no momento da coleta dos dados.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um formulário estruturado. Este formulário foi aplicado no interior das dependências físicas das escolas, na sala dos professores, durante o horário do intervalo dos mesmos.

DESENVOLVIMENTO

OS ATORES DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O Aluno no processo de ensino-aprendizagem

As relações que estreitam sobre o processo de ensino-aprendizagem abarcam uma série de tocantes que podem influenciar positivamente ou não a mediação e aquisição do conhecimento. Com base nessas inferências, apresenta-se um recorte das vivências de um dos atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, o Aluno.

Perrenoud (2014) afirma que:

Assumir o status e o papel de aluno é assistir regularmente às aulas, ou “apresentar uma justificativa válida”. É fazer regularmente um trabalho definido como deveres, exercícios, trabalhos práticos, um plano semanal. É submeter-se regularmente a uma avaliação padronizada. É estar comprometido de segunda-feira de manhã até sexta-feira à tarde, com 25 a 40 horas de aulas. É pertencer a um grupo-classe, ao mesmo tempo ambiente de vida e de trabalho, sob a responsabilidade de um ou vários professores. É também manter uma relação dócil com o saber, num quadro em que os professores são mediadores, mas não produzem os saberes transmitidos. Finalmente, é ser rotulado por uma média anual, suposta síntese de um nível de excelência escolar (PERRENOUD, 2014, p.127)

Compreende-se a partir dessa colocação que o aluno está incumbido de um leque de imposições às quais ele deve responder ativamente, desde a participação, interação, socialização e avaliação, até essas atribuições que devem vir nutridas pelo prazer de estudar e internalizam as mais variadas inferências promovidas no processo de ensino-aprendizagem.

Por vezes, conectar o discente a esse processo pode ser uma tarefa quase que árdua, exigindo participação de vários atores e fatores que venham tecer fios condutores de participação e interação do discente nas vivências mediadas no contexto de sala de aula.

Estimular o aluno nas aulas, fazendo com que ele interaja, não é uma ação menor, que pode ser feita de qualquer jeito, visto que o discente deve ser envolvido nas estratégias e dinâmicas das aulas, pois se entende que a aprendizagem não gira em torno do docente, mas envolve também o aluno.

Delizoicov (2009) enfatiza esse pensamento quando diz que:

[...] esse aluno é, na verdade, o sujeito de sua aprendizagem; é quem realiza ação, e não alguém que sofre ou recebe a ação. Não há como ensinar alguém que não quer aprender, uma vez que a aprendizagem é um processo interno que ocorre como resultado da ação de um sujeito. Só é possível ao professor mediar, criar condições, facilitar a ação do aluno de aprender, ao veicular um conhecimento com o seu porta-voz (DELIZOICOV, 2009, p. 122).

O mesmo autor ainda completa refletindo que “[...] se a aprendizagem é resultado das ações de um sujeito, não é resultado de qualquer ação: ela só se constrói em uma interação entre sujeito e o meio circundante [...]”. Com isso, compreende-se que o docente não protagoniza mais o papel de ator principal do processo de ensino-aprendizagem, pois já se concebe que é impossível “[...] ensinar a quem não quer aprender” (NÓVOA, 2014, p. 229). Por mais que o desejo de inferir conhecimentos e aprendizagens na vida do educando borbulhe por parte docente de forma gritante, o mesmo fica restrito ao desejo do discente.

Segundo Charlot (2014):

Só pode aprender quem desenvolve uma atividade intelectual para isso e, portanto, ninguém pode aprender em vez do outro. Quando um aluno não entende as explicações, a professora tem vontade de poder entrar no seu cérebro para fazer o trabalho. Mas não pode: por mais semelhante que seja os seres humanos, são tão singulares e, logo, diferentes. Quem aprende é o aluno. Se não quiser, recusando-se a entrar na atividade intelectual, não aprenderá [...] [...] seja qual for o método pedagógico da professora. Neste caso, quem será cobrado pelo fracasso? O próprio aluno, mas igualmente a professora. Em outras palavras, o aluno depende da professora, mas, também, esta depende dele. Sendo assim, permanentemente, ela deve pressionar o aluno, negociar, procurar novas abordagens dos conteúdos ensinados (CHARLORT, 2014, p. 50).

Labare (2000) comunga com a mesma linha de pensamento, postulando que: “Um cirurgião opera um doente anestesiado, e um advogado pode defender um cliente silencioso, mas o sucesso do docente depende da cooperação ativa do aluno.” Essa situação se configura

mais embaraçosa quando “[...] consideramos as circunstâncias da presença do aluno, que não é produto de um ato de vontade, mas, antes, de uma obrigação social e familiar” (NÓVOA, 2014, p.229).

As situações de aprendizagens devem sempre ser mediadas nas relações docente e discente, pois “[...] quando se fala de situações organizadas de ensino, como as que ocorrem na escola, parece que só o aluno está ali para aprender, como se os professores não estivessem aprendendo todo o tempo também (DELIZOICOV, 2009, p.124). “Nessa lógica, cabe ao aluno ir à escola e escutar o professor, sem bagunçar, brincar nem brigar. Posto isso, o que ocorrerá depende do professor: se este explicar bem, o aluno aprenderá e obterá uma boa nota. Se a nota for ruim, será porque o professor não explicou bem” (CHARLOT, 2014, p.51).

Nessas relações no contexto de sala de aula, ambas as partes compreendem o processo de ensino-aprendizagem, extraindo um legado positivo na sua formação, quer seja docente, quer seja discente. O discente traz consigo uma bagagem de suma importância para a construção do conhecimento, e essas informações prévias que o mesmo carrega consigo fomentam mais ainda as vivências educacionais no seio da sala de aula.

Bittencourt (2009) amplia esse pensamento, afirmando que:

As novas interpretações sobre a aprendizagem conceitual e a importância das interferências sociais e culturais nesse processo e regiram o aluno ou o aprendiz e só seu conhecimento prévio como condição necessária para construção de novos significados e esquemas. Como consequência, a psicologia social passou a contribuir para a reflexão acerca da aprendizagem, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos (BITTENCOURT, 2009, p. 189).

Compreende-se que se faz necessário estreitar laços entre o campo científico e social de modo “[...] que sejam estabelecidas as relações entre o que o aluno já sabe e o que é proposto externamente no caso, por interferências pedagógicas [...]” (BITTENCOURT, 2009, p.14). Com isso, enfatizamos que nenhum “[...] aluno é uma folha de papel em branco em que são depositados conhecimentos sistematizados durante toda a sua escolarização” (DELIZOICOV 2009, p.131).

Ou seja, o aluno aprimora as suas experiências educativas, lapidando todo o seu conhecimento, através de vivências dirigidas no recinto educacional, como também dissemina tais inferências no mesmo cenário em que ele convive. Desse modo, compreende-se que o aluno vive uma série de pressões quanto ao processo de ensino-aprendizagem, desde as suas atribuições até as situações de colocações quanto a sua entrada no ambiente escolar. No entanto, podemos colocar que o aluno é o carro-chefe do processo de ensino-aprendizagem,

pois ele aprende, mas também infere conhecimentos, além de já trazer certo aporte de vivências que lhe propiciaram a construção do conhecimento.

O professor no processo de ensino-aprendizagem

Discorrer sobre a docência e seu papel no processo de ensino-aprendizagem nos dias atuais é tratar de uma incumbência de suma importância na educação. A atividade docente é ação que vive em constantes mudanças evolutivas, e reclama do professor assumir o eterno título de aprendiz, em contínuo e constante processo formativo.

Conforme Farias et al. (2013):

A formação configura-se como uma atividade humana inteligente, de caráter dinâmico, que reclama ações complexas e não lineares. Trata-se, pois, de um processo no qual o professor deve ser envolvido de modo ativo, precisando continuamente desenvolver atitude de questionamento, reflexão, experimentação e interação que fomentem a mudança. Implica, pois, romper de forma radical com práticas formativas, cujos parâmetros fixos e predeterminados, derivados de processos estanques e conclusivos [...] (FARIAS et al., 2013, p. 68)

A partir dessa formação contínua, ao professor se fazem viáveis a mediação e construção do conhecimento juntamente ao discente, atendendo e respondendo as suas necessidades. Compreende-se que “O professor deve ser capaz de propor situações-problema que favoreçam as aprendizagens visadas, isto é, deve propor situações que ofereçam desafios que estando ao alcance dos alunos, levem cada um a progredir nas suas aprendizagens”.

Em uma mesma perspectiva, Gadotti (2003) complementa que:

Ser professor, na acepção mais genuína, é ser capaz de fazer o outro aprender, desenvolver-se criticamente. Como a aprendizagem é um processo ativo, não vai se dar, portanto, se não houver articulação da proposta de trabalho com a existência do aluno; mas também do professor, pois se não estiver acreditando, se não estiver vendo sentido naquilo, como poderá provocar no aluno o desejo de conhecer?”(GADOTTI, 2003, p.71).

Para condicionar inferências educativas ao discente, o professor deve, incansavelmente, estreitar vínculos amigáveis com estudiosos e escritores que contribuíram com todo o percurso da educação, bem como com os que protagonizam o cenário atual.

De acordo com Antunes (2008):

Por tudo isso, importa a todo professor selecionar sempre os amigos preferidos com quem deseja estar juntos, circunstância que não implica outros amigos com quem deve estar fisicamente ao lado. Nesse contexto parece ser importante sugerir a companhia inefável de John Dewey e de Henri Wallon, as ideias amigas de Maria Montessori e Emília Ferreiro, de Freinet e Piaget, de Paulo Freire e Darcy Ribeiro e outros tantos que qualquer relação será injusta (ANTUNES, 2008, p. 56).

Nas inferências de Gadotti (2003):

[...] ser professor hoje, não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária (GADOTTI, 2003, p. 15).

OS FATORES DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A motivação no processo de ensino-aprendizagem

Inserir a motivação no contexto escolar é uma ação que vem se fazendo necessária nos dias contemporâneos, pois percebe-se que o público discente vem perdendo gradativamente o interesse pela aprendizagem. Com isso, entende-se que “[...] o professor deve motivar seus alunos para as descobertas. Se os alunos não questionam, faça perguntas interessantes, formule hipóteses sobre aquilo que se observa na natureza e que o aluno já traz como conhecimentos prévios ou senso comum [...]” (COLL, 2003, p.) Lançar mão dessa metodologia nas vivências educativas, sem sombra de dúvidas, só vem a somar mais uma ferramenta didática ao alcance do professor para ser utilizada em prol da aquisição do conhecimento do educando.

Maroy (2014) descreve o papel do professor na motivação discente:

Diante de um público percebido como mais difícil e desmotivado e diante do problema do fracasso escolar, o docente também é chamado a tornar-se um especialista em aprendizagem, centrando-se, no seu trabalho de classe, no processo de aprendizagem dos alunos e realizando uma pedagogia de tipo construtivista e diferenciado. Não pode mais apenas contentar-se em transmitir o seu saber, mas de levar o aluno a ser o “ator” da sua formação e ajudá-lo a tornar-se um “sujeito” que perceba o sentido da aprendizagem (MOROY, 2014, p.72).

Motivar o aluno a interagir com as ações e atividades oportunizadas se faz de suma importância no processo de ensino-aprendizagem, e essa ação deve levantar a autoestima do discente, trazendo-o a um cenário interativo e dinâmico onde a mediação se coadune à cognição, favorecendo a construção do conhecimento.

Para falar da autoestima, Souza (2011) faz uma colocação sobre esse termo, dizendo que:

Pode-se pensar em autoestima como sendo a forma que cada um tem de cuidar de si mesmo. Também está relacionada à capacidade que cada um tem de lidar com os seus conflitos que são comuns no dia-a-dia, achar-se capaz de resolver determinadas situações do cotidiano com segurança e responsabilidade. Sendo assim, pode-se dizer que a autoestima elevada é tão importante para a própria pessoa como para as que com ela convivem (SOUZA, 2011, p. 20).

Entende-se que a autoestima é primordial à motivação, quando se está bem consigo mesmo, as capacidades de participação e interação são aguçadas, podendo gerar ganhos tanto para quem está motivado, quanto para quem vive próximo da pessoa motivada. Afinal, a motivação é contagiosa e se dissemina em todo o ambiente no qual se interage.

O professor deve incansavelmente motivar os seus discentes, buscando estratégias que resgatem a sua autoestima. Essas “[...] estratégias contribuem para a promoção da motivação autônoma que propicia ao estudante protagonizar de forma consciente, a sua própria aprendizagem” (BELUCE et al, 2016, p. 596). De modo que, a sala de aula seja redesenhada em um ambiente atrativo, interativo e prazeroso, buscando desconstruir essa visão da sala de aula traçada, no pensamento de Sibilía (2012):

Também por isso não admira que agora, quando as novidades das últimas décadas substituíram em boa medida os estilos de vida precedentes, *a sala de aula escolar tenha se convertido em algo terrivelmente “chato”, e a obrigação de frequentá-la implique uma espécie de calvário cotidiano para os dinâmicos jovens contemporâneos* (SIBILIA, 2012, p. 65, grifos nossos).

Freire (2017) entra no debate, falando como o professor pode encarnar uma postura estimulante mediante essa situação supracitada:

No sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento,

surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 2017, p. 83).

Ao desafiar o aluno, o professor está motivando-o a interagir com as atividades, de modo que o discente se exausta dos prazeres vivenciados na sala de aula, a ponto de se cansar. Percebe-se a grande importância de atribuir estímulos aos processos de ensino e aprendizagem.

Em uma mesma linha, Freire (2011) adverte, ainda, que:

Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna (FREIRE, 2011, p. 91).

Por mais que as dificuldades do discente se façam grandiosas, o educador não pode negligenciar a sua função de educador-estimulador, pois estaria indo contra os preceitos docentes.

Em linhas conclusivas, entende-se que a motivação é necessária ao processo de ensino-aprendizagem, sendo importante “[...] aguçar nos alunos novos saberes e convidá-los a instigar a exploração e a investigação dos conhecimentos [...]” (VIZENTIN; FRANCO, 2010, p. 90). E com isso, “[...] assegurar que o ensinar e aprender possam ser vividos, teorizados, praticados, questionados [...]” (p. 9). Assim, a motivação exerce seu papel de fator instigador dos processos de ensino e aprendizagem.

A afetividade no processo de ensino-aprendizagem

Tratar do processo de ensino-aprendizagem nos dias atuais envolve um leque de possibilidades que inferem e interferem no percurso. Percebe-se que as diversas situações que compreendem esse processo vão de encontro primordial com o aluno, fazendo ocorrer ou não o ensino-aprendizagem.

Souza (2010) enfatiza esse pensamento introdutório colocando que:

O processo de ensino-aprendizagem é hoje entendido como uma construção que envolve o papel ativo por parte do aluno. Nesta perspectiva, torna-se imprescindível que o aluno desenvolva a capacidade de estabelecer as

próprias metas, planejar e monitorar seus esforços na direção de um melhor desempenho (SOUZA, 2010, p. 96).

Compreende-se de início que, para favorecer o papel ativo do discente, e para que os processos tanto de ensino quanto o de aprendizagem aconteçam de forma exitosa, o professor deve fazer uso de uma série de fatores que os reafirmam, dentre eles, destacamos a afetividade.

E para colocar essa temática em pauta, no caso, a afetividade, Ribeiro (2010) traz uma colocação que enfatiza que:

[...] o papel do professor tornou-se muito mais amplo e complexo, pois ele deixou de ser apenas o repassador de informações e conhecimentos e já se reconhece como um parceiro do estudante na construção dos conhecimentos, parceria que implica novos saberes e atitudes que possibilitem aos estudantes integrar no processo de aprendizagem das disciplinas os aspectos cognitivo e afetivo e a formação de atitudes.

Entende-se que a afetividade compreende um legado de suma importância na formação do discente, oferecendo estímulos educativos que vão de encontro com as necessidades do educando. Lembrando ainda que a sua ausência pode acarretar interferências nos processos de ensino e aprendizagem.

O mesmo autor ainda enfatiza esse pensamento, explicando que:

[...] afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos: do ponto de vista negativo, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem dos sujeitos; ao contrário, do ponto de vista positivo, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e assegura, conseqüentemente, melhores desempenhos nos estudos (RIBEIRO, 2010, p. 406).

A interação no processo de ensino-aprendizagem

A interação no processo de ensino-aprendizagem propicia a construção e a mediação do conhecimento, tanto para o professor, quanto para o aluno, tornando esse processo cada vez mais viável. Assim, entende-se que “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem” (FREIRE, 2016, p.95). Com isso, a comunhão de

vivências e conhecimentos prévios de ambas as partes tornam esse processo mais rico e dinâmico, permeados em situações nutridas de fatores interativos.

Farias et al. (2011) complementam, explicitando que:

É no espaço do diálogo e do conflito, constituído por sujeitos criativos e desejosos de liberdade, que as mudanças são forjadas, diuturnamente. A aula constitui, por conseguinte, um lugar privilegiado para o processo de ensino aprendizagem, pois nesse espaço-tempo professores e alunos podem desenvolver ações interativas de forma a transformá-la em um campo de debates sobre os temas em foco (FARIAS et.al, 2011, p. 166).

Percebe-se em face do exposto que a partir da construção de diálogos, criativos e estimulantes, os docentes e discentes disseminam as suas inferências e constroem debates formativos, onde o processo de ensino e aprendizagem é favorecido e propiciado.

Tunes et al. (2005) completam esse olhar, postulando que:

Se, no processo do ensinar e do aprender, o aluno sempre se antecipa como oferta, na situação dialógica, interferindo efetivamente com restrições nas possibilidades de ação do professor, este não passa “em brancas nuvens” pela relação. Logo, não pode ser concebido como um mero elo intermediário, um negociador que, em, principio, permaneceria o mesmo pós-negócio. Nem o aluno, nem o professor são os mesmos depois do diálogo (TUNES et al., 2005, p. 695).

Cada diálogo mediado infere informações construtivas, proporcionando conhecimentos que vêm a fomentar a mudança de pensamentos e atitudes. Com isso, entende-se que o diálogo se faz de suma importância no fator de interação, como também nas relações professor-aluno, que melhoram e oportunizam o processo de ensino e aprendizagem.

Farias et al. (2011) ainda colocam que a sala de aula:

[...] é também espaço de relações, encontros e trocas. Ao comungar dessa premissa, a aula não poderá ficar restrita a fala exclusiva do docente que a utiliza como palco para exhibir-se como o sabe-tudo. Isto porque a exposição oral, embora desencadeie o pensamento, tende a limitar a participação dos alunos por se tratar de uma estratégia na qual prevalece, na maior parte dos casos, o modo de pensar do professor. É necessário, no entanto, ter o cuidado de não negar o seu papel, qual seja, o de provocar e mediar a aprendizagem dos seus alunos. Esse aspecto importante quando pensamos a aula, como contexto de interações sociocognitivas efetivadas por diferentes linguagens e meio (FARIAS et.al, 2011, p. 166).

Entende-se que, a partir da situação supracitada, o docente não deve fazer da sua condição de educador oportunidade de mostrar autoridade e superioridade pelo fato de

assumir a docência. Ao contrário, o docente deve, por meio de suas ações, chamar o discente a interagir das mais variadas formas com a aula, não negligenciando as suas atribuições, mas também não inibindo as expectativas discentes de cada indivíduo presente na sala de aula.

Quando a interação faz parte do processo de ensino-aprendizagem, as ações dos docentes e discentes são conectadas e conseqüentemente são construídas situações de ensino e aprendizagem. Mas, entendemos que é atribuição do professor “[...] criar e elaborar suas formas de interagir e intervir – justamente porque é ele quem sabe melhor sobre os interesses de seus alunos, –, atestar todo o processo pedagógico, o caminho da aprendizagem da criança, (com) provando tudo o que ela está aprendendo para que possa, em tempo, intervir nessa trajetória” (VIZENTIN; FRANCO, 2010, p. 90).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta de dados, foi possível constatar que, dos 5 docentes entrevistados, 60% dos participantes pertencem ao sexo feminino, e 60% estão na faixa etária de 35 a 45 anos. Em relação ao grau de escolaridade, 80% são especialistas e 20% possuem mestrado. E, quanto ao tempo de atuação docente, a maioria (80%) está na prática docente há mais de 10 anos.

Percebe-se que os docentes entrevistados têm certa preocupação em realizar formação continuada, já que os Referenciais para Formação dos Professores (2002, p. 63), trazem considerações importantes acerca da formação continuada docente:

Portanto, a formação é aqui entendida como processo contínuo e permanente de desenvolvimento, o que pede do professor disponibilidade para a aprendizagem; da formação, que o ensine a aprender; e do sistema escolar no qual ele se insere como profissional, condições para continuar aprendendo. Ser profissional implica ser capaz de aprender sempre.

Quando instigados a responder acerca da participação docente na vida escolar do educando, 60% afirmaram desempenhar uma boa participação. Entretanto, apenas 20% afirmaram ter uma participação excelente e 20% disseram ser regular.

Sabe-se que a participação do docente na vida do aluno é primordial, pois em seu posicionamento, busca se colocar como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, se apresentando com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem – não uma ponte estática, mas uma ponte “rolante”, que ativamente colabora

para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. Ele deve ser presente, mas também instruir o discente a adaptar-se em responder as suas demandas sem auxílio do professor (MASETTO, 2000, p. 144-5).

Em relação à participação do educando em sua própria rotina escolar, 80% dos docentes classificaram essa atuação como regular e 20% classificaram com boa. Sabe-se que a participação do aluno em suas atividades fortalece a construção do conhecimento, pois o mesmo “[...] não é um depósito de conhecimentos se comparado a um acervo de arquivos que nunca pode ser explorado, mas o aluno deve ser visto como ser capaz de pensar, refletir, criticar, participar, definir o que não quer”, de modo que as aulas sejam significativas, dinâmicas e interativas, para que a sua participação se configure em uma ação de suma importância ao processo de ensino-aprendizagem (TREVISOL; SOUZA, 2015, p. 37).

A motivação vem apresentando papel de fator fomentador do processo de ensino-aprendizagem, construindo o desejo do educando em inserir-se nas atividades desempenhadas na sala de aula, propondo ações que despertem o gosto do aluno em participar das ações desafiadas pelo educador. Guimaraes e Boruchovitch (2014) colocam que:

A motivação no contexto escolar tem sido avaliada com um determinante crítico do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho. Um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e domínio. Apresenta entusiasmo na execução das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos, podendo superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios (GUIMARAES; BORUCHOVITCH, 2004, p. 143).

Em relação à influência da afetividade no contexto de sala de aula, 60% afirmaram que é importante desenvolvê-la para com o aluno. Com isso, entende-se que a afetividade insere seu legado positivo no contexto de sala de aula, enfatizando e estreitando vínculos construtivos entre docentes e discentes. De modo que “[...] o professor, é responsável pela harmonia na sala, de proporcionar uma relação afetiva na qual se possa repassar conhecimentos e experiências além daqueles previstos nos conteúdos diferentes das disciplinas escolares” (TREVISOL; SOUZA, 2015, p. 36).

Quando questionados sobre os estímulos interativos no processo de ensino-aprendizagem, a maioria (60%) considera desenvolver um ótimo estímulo aos alunos.

A partir das avaliações sobre interação no processo de ensino-aprendizagem, compreendeu-se que as aulas interativas favorecem a aprendizagem. Libaneo (2013) comunga com essa mesma linha de pensamento:

A interação professor - aluno é um aspecto fundamental da organização da “situação didática”, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão dos conhecimentos e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades. Entretanto esse não é o único fator determinante [...] (LIBANEO, 2013, p. 274).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente trabalho, foi possível enfatizar a importância positiva e negativa encontrada nos atores, fatores e cenários que circundam os processos de ensino e aprendizagem. Relatar o papel dos atores que pertencem a esse processo enfatiza primordialmente a vivência do aluno como figurante principal dessa atuação de atores, pois compreende-se que o aluno é sujeito da sua aprendizagem, podendo extrair inferências e fazer conexões com os mais variados conhecimentos oportunizados a partir de mediações bem abordadas e trabalhadas nas vivências educacionais.

Essas inferências e mediações nem sempre são oportunizadas por docentes, elas podem ser oriundas da família, da comunidade e de outras relações cotidianas da vida do discente. Mas para que a aprendizagem seja satisfatória, faz-se necessário atrair o discente com as mais variadas situações, de modo que o conhecimento mediado venha a fazer sentido na vida do aluno, tanto na esfera educacional, como na sua vivência social.

Tratar do papel do professor no processo de ensino aprendizagem coloca em evidência a sua formação, atuação, e os efeitos da modernidade nessa profissão tão primordial, mas também contemporânea. Percebe-se que o professor já não é o detentor do conhecimento, pois sabe-se que os meios de informação surgem a todo vapor no mercado educacional. Mas também, tal questão não exclui o docente da sua incumbência de mediar, facilitar e promover situações de convivências harmoniosas e interativas na vida do educando.

Portanto, foi observado e analisado que muitos outros fatores ainda participam desse processo, contribuindo ou interferindo, mas os aqui relatados são os que nos parecem mais evidentes. A motivação coloca o aluno frente ao desejo de estudar e vincular conhecimentos a ações práticas que permeiam a aprendizagem. A interação entre docente e discente lança o

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

processo de ensino-aprendizagem a um patamar favorável, a partir dos estreitamentos de vínculos entre ambas as partes. Por conseguinte, enfatiza-se a grande e não menos importante afetividade para com o discente, pois compreender esse fator como atividade estimulante da educação é fazer uso das capacidades afetivas em prol da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

Andere, M. A. (2007). Aspectos da formação do professor de ensino superior de Ciências Contábeis: uma análise dos programas de pós-graduação. 2007. Dissertação de Mestrado (Controladoria e Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, SP, Brasil.

ANTUNES, Celso. **Ser Professor hoje**. – 2. Ed.-Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

Bordenave, J. D. & Pereira, A. M. (2012). Estratégias de Ensino-Aprendizagem. 32ª. ed. Petrópolis: Vozes.

Bruner, J. (1961). The act of discovery. Harvard Educational Review, 31, pp. 21-32.

COLL, Cezar; PALLACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro (Orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

Cornachione Jr. E. B. (2004). Tecnologia de educação e cursos de ciências contábeis: modelos colaborativos virtuais. Tese de Livre Docência, Faculdade de economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, SP, Brasil.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez. 2009.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margerete Sampaio de Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e docência: aprendendo a profissão**, Brasília, Líder, 2011, p. p.180 – 195.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2003.

Guimarães, S. É. R., & Boruchovitch, E. (2004). O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*,17(2), pp. 143-150. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722004000200002>

LABARE, D.(2000a). No exit: public education as inescapably public good. In: CUBAN,L. & SHIPPS, D.(orgs.) *Reconstructing the common good in education*. Stanford, CA: Stanford University Press, p.110-129.

LIBÂNEO, José Carlos (2013). “Relação professor-aluno na sala de aula”. In: **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013, p. 274-280

Martins, V. (2005). Constituição de 1988 e seu artigo 206: ensino e educação. Recuperado em 10 de maio, 2014, de <<http://eduquenet.net/ensinoeducacao.htm>>.

MAROY, C & DUPRIEZ, V.(2000). “La régulation dans les sistemas scolaires- Proposition theorique et analyse du cadre structurel en Belgique Francophone”. *Revue Française de Pedagogie*, n.130, p.73-87.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012..

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2017. (coleção Leitura).

_____. *Pedagogia do oprimido*, 62.ed.Rio de Janeiro, paz e terra, 2016.

PERRENOUD, P. **Aprender a negociar a mudança em educação**. Porto: ASA, 2014.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A afetividade na relação educativa**. *Estudos de Psicologia*. Campinas 27(3) (403-412)- julho- setembro-2010

SOUSA, RP., MIOTA, FMCS., and CARVALHO, ABG., orgs. *Tecnologias digitais na educação* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 276 p. ISBN 978-85-7879-124-7. Available from SciELO Books .

TREVISOL, Maria Teresa Ceron.; SOUZA, Elizangela Dalla Vecchia de. A relação entre professor e aluno e a importância do afeto no processo de ensino-aprendizagem. **Unoesc & Ciência** - ACHS Joaçaba, v. 6, n. 1, p. 35-42, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n31/10.pdf>> . Acesso em: 12 set. 2017.

TUNES, E.; BARTHOLO Jr., R. Da Constituição da consciência a uma psicologia ética: alteridade e zona proximal de desenvolvimento. In: SIMÃO, L. M.; MARTINEZ, A. M. (orgs.) *O Outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia*. São Paulo: Pioneira; Thomson Learning, 2004. p.41-60.

VIZENTIN,Caroline Rauch; FRANCO, Rosemary Carla; **Meio Ambiente: do conhecimento ao científico: metodologia do ensino fundamental, 1º. ao 5º. Ano**- Curitiba: Base Editorial, 2009.